

**A massa irracional de Le Bon versus a massa “psicanalítica” de Freud:  
a crítica de Theodor Adorno e Max Horkheimer**

**aluno: Ricardo de Sequeira Lugó**

**semestre: 2o / 2010**

Theodor Adorno e Max Horkheimer (1973) analisaram o significado do conceito de massa para diferentes pensadores, desde Aristóteles, passando por Maquiavel, Ortega y Gasset, Wiese e Karl Marx, porém se concentrando especialmente nas reflexões produzidas pelo francês Gustave Le Bon<sup>1</sup>, que é duramente criticado por eles, e pelo médico Sigmund Freud, pai da psicanálise.

Adorno e Horkheimer enfatizam que a sociologia não pode se omitir a fazer uma análise profunda do conceito de massa. A sociologia formal provocara “surpresa ao apresentar uma tese segundo a qual a massa representa, em relação ao indivíduo, o nexo mais imediato e, por assim dizer, primário da sociedade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 78). O espanto se devia ao fato de que a tendência geral considerava a massa um “fenômeno moderno, relacionado de modo específico com as grandes cidades e a atomização”.

O conceito de massas, conforme veremos ainda, normalmente é acompanhado de um sentido negativo. Totalitarismo, manipulação, irracionalidade, perda da autonomia, tendências à barbárie e condutas reacionárias são algumas das ideias associadas ao conceito de massa. Muitas dessas correlações são flagrantemente ideológicas, apontam Adorno e Horkheimer, como forma de desqualificar as mobilizações proletárias e os movimentos socialistas que ganhavam corpo na Europa no início do século 20.

Em “Rebelião das massas”, Ortega y Gasset associa o conceito à ideia de totalitarismo. E se, para Wiese, as massas são caracterizadas pela comunhão, muitos outros pensadores costumam afirmar que os indivíduos não se conhecem ou se conhecem precariamente quando fazem parte da massa.

---

<sup>1</sup> Gustave Le Bon escreveu sobre fisiologia, ótica, antropologia, adestramento de animais, civilizações orientais, psicologia e política, informa Marcia Cristina Consolim, doutora em Sociologia pela FFLCH-USP e pesquisadora da Unifesp, onde coordena um grupo que estuda a “Sociologia das elites intelectuais e das Ciências Sociais”. Segundo Consolim, Le Bon tornou-se conhecido como grande divulgador e vulgarizador do pensamento científico, devido aos seus escritos, que iam na contramão da tendência à especialização já evidente na época, e como editor da Flammarion por quase 30 anos. As informações constam do artigo “Gustave Le Bon e a reação conservadora às multidões”, registrado nos “*Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da história*”, realizado na Anpuh/SP, Unicamp, em 2004.

Por terem como objeto de estudos especialmente os comportamentos irracionais, assinalam Adorno e Horkheimer, são os psicólogos e psicanalistas, no entanto, que dão algumas das mais expressivas contribuições para o esclarecimento das massas.

[...] sempre que se trata de comportamentos específicos das massas, é possível descobrir neles um momento de irracionalidade, que vai desde o pânico numa sala de teatro até, segundo parece, às pretensas sublevações de um povo inteiro, nas quais os seguidores de alguns líderes sustentam com entusiasmo interesses que, com frequência, são violentamente opostos à sua razão e à sua autopreservação (ADORNO; HORKHEIMER, 1973).

Embora o psicólogo francês Gustave Le Bon trate da irracionalidade das massas em “A psicologia das multidões” (1895), ela se mistura, nas palavras de Adorno e Horkheimer, com a irracionalidade do próprio Le Bon, contaminando todas as suas conclusões posteriores. O primeiro erro de Le Bon é investigar a psicologia das massas à moda de Augusto Comte, como investigador da natureza. Partindo de uma metodologia equivocada, Le Bon cria o conceito de “alma da multidão” e, em seguida, padroniza todos os homens na massa. Em grupo, os homens sentem, pensam e agem exatamente da mesma forma, como se tivessem uma alma coletiva, mesmo que individualmente sintam, pensem e ajam de formas inteiramente diversas das observadas quando imersos na multidão. Essa unidade psíquica defendida por Le Bon se dá por modificações que ocorrem nos próprios sujeitos.

Em meio à multidão, com a certeza do anonimato e, sobretudo, da impunidade, o indivíduo camuflado na massa dá vazão aos seus instintos mais primitivos, o que jamais faria isoladamente. Infantilizada e retornando às condições mais primitivas da existência, a massa fica à mercê do líder e a ele procura imitar. Mesmo que aparentemente esteja empunhando reivindicações revolucionárias, o que, de fato, a massa sempre deseja é estar em situação de total submissão ao líder. Adorno e Horkheimer listam, em seguida, as principais características que os homens manifestam quando estão imersos na massa, segundo Le Bon:

- fim da personalidade consciente;
- predomínio da personalidade inconsciente;
- orientação por sugestão e contágio de sentimentos e ideias que apontam em uma só direção;
- tendência para converter em atos as ideias sugeridas;
- indivíduo deixa de constituir um “eu”, passa a agir como autômato sem vontade própria.

Adorno e Horkheimer reconhecem que, ao menos superficialmente, a “tese de Le Bon parece ter sido corroborada em um grau surpreendente, mesmo sob as condições da moderna civilização técnica, na qual seria lícito poder contar com massas humanas já esclarecidas” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 81). Entretanto, Le Bon idealiza uma “alma intrínseca nas

massas”, na qual existe uma constante biológica chamada por ele de “alma da raça”, formada pelo patrimônio de um povo. De quebra, sob a aparência de uma descrição científica, esconde-se uma posição política de crítica à Revolução Francesa, ao proletariado moderno e aos movimentos operários. “(...) a ênfase valorativa em toda a sua obra é predominantemente negativa; para Le Bon, a massa é, em sua essência, inimiga dos princípios da cultura” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 81). O intelectual francês faz o que Adorno e Horkheimer chamam de “psicologia antirracionalista das multidões”, devido à aversão inata aos princípios da razão que atribui às massas.

Corroborar esta visão a socióloga Marcia Cristina Consolim, pesquisadora da Unifesp, onde coordena o grupo de estudos sobre a “Sociologia das elites intelectuais e das Ciências Sociais”:

O conceito de ‘multidão’ (*em Le Bon*) é, pois, um termo genérico e carregado de imprecisões, mas que não obstante se tornou um instrumento que permitiu mobilizar um arsenal de críticas (e de grandes sínteses) contra as classes populares, as instituições da Terceira República, as elites políticas e intelectuais da época e, finalmente, o desempenho econômico e político da França no cenário internacional. [...] Todos esses subtemas exprimem as ideias políticas fundamentais de Le Bon. A crítica à democratização do Estado, à ampliação do espaço público e à crescente participação popular na vida política (CONSOLIM, 2004).

Consolim ainda afirma que Le Bon apropria-se de conceitos e teorias desenvolvidos nos discursos médicos, psiquiátricos e antropológicos, para dar legitimidade científica às suas teses. O resultado disso é que trata o mundo social e político com base em leis biológicas e, no caso do mundo psíquico, nos moldes da medicina mental.

O determinismo e o materialismo das análises de Le Bon visavam estabelecer um amplo combate às pretensões da tradição democrática e das esquerdas, comprometidas com ideias de mudança social e econômica, igualdade política, liberdade filosófica, solidariedade social e racionalidade psicológica (CONSOLIM, 2004).

Por considerar a multidão impulsiva, instintiva, irracional, incapaz, submissa, facilmente sugestionável, manipulável, ilógica, sem ideias próprias, baderneira, etc., Le Bon revela não apenas que seu conservadorismo ideológico é muito maior que seu rigor científico, mas também que, mesmo assim, suas ideias estão polvilhadas com alguns valores caros às revoluções liberais burguesas e alinhadas, em muitos aspectos, com o pensamento que predominava na França e nos Estados Unidos no final do século 19. Admirador confesso de Tocqueville, a quem cita inúmeras vezes em seus ensaios, e da república constituída nos Estados Unidos, a racionalidade e a individualidade defendidas por Le Bon são também elementos estruturantes da ideologia liberal. Seria, portanto, mais precisamente um liberal elitista, conservador e republicano do que um pensador proto-fascista ideólogo de regimes totalitários, como fora acusado diversas vezes por seus críticos, conclui Consolim.

Ao atestar a impotência do indivíduo diante da massa, pensadores como Le Bon “abandonaram uma tradição de ideal que partiu da Política de Platão e chega a Bacon e Nietzsche, a qual apontava, sim, nas massas, na multidão, no povo, o inimigo da verdade, mas afirmando, entretanto, o poder do indivíduo e a sua capacidade de furta-se à adoração dos ídolos coletivos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 83). Ambos não chegam a afirmar que pensadores como Le Bon são fascistas, mas não deixam dúvidas de como o discurso produzido por esses intelectuais foi apropriado por demagogos autoritários.

Assim, a psicologia das massas, ao postular *a priori* a malignidade da massa e proclamar a necessidade de um poder que a mantenha sob controle, torna-se instrumento da corrupção totalitária. Se a oratória de Hitler sobre a massa e as formas como esta se deixa influenciar soam, para o leitor, como uma cópia diluída de Le Bon, não é menos certo que os lugares-comuns da psicologia das massas servem para encobrir a demagogia que, de fato, manipula as massas e que converte esses lugares comuns em seus instrumentos (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 83).

Foi Freud, para Adorno e Horkheimer, o intelectual que produziu o trabalho mais relevante sobre a psicologia da massa, capaz inclusive de separar da maçaroca ideológica os elementos de verdade presentes na teorização de Le Bon. No trabalho “Psicologia da massa e análise do ego”, publicado em 1921, três anos depois do término da I Guerra Mundial, parte da obra de Le Bon e embora reconheça que o indivíduo normalmente se comporte de forma radicalmente diferente, é ainda como entidade psicológica individual que cai na situação de massa. São condições comparáveis à da neurose que fazem o indivíduo, imerso na massa, libertar-se dos obstáculos que reprimem os seus impulsos instintivos inconscientes. É preciso entender o mecanismo que faz o *id*, a parte da mente onde repousam os instintos e as paixões, não sofrer a repressão do *superego*, a instância da consciência repressora, julgadora, implacável e que busca o ideal da perfeição. Sendo assim, é na “fonte libidinal” que estão as respostas. “Nos indivíduos submetidos à sugestão produz-se uma transferência inconsciente de dependências eróticas, desviadas da sua natureza original”, informam Adorno e Horkheimer, com base nas reflexões de Freud. A identificação com o pai, decorrência da superação do Complexo de Édipo<sup>2</sup>, é transferida para um líder real ou imaginário. O mesmo tipo de identificação se dá no comportamento de massas chamadas por Freud de “altamente organizadas, duradouras e artificiais”: a igreja e o exército. Fazendo uso da coação externa para evitar a desintegração dessas entidades, essa coação cria a ilusão de um líder supremo ou de uma ideia grandiosa, aos quais todos devemos respeitar. Assim, os indivíduos passam a ficar ligados libidinalmente uns com os outros e cada um deles

---

<sup>2</sup> No ensaio “A sexualidade infantil”, de Freud, segundo dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos”, surge a teorização sobre o Complexo de Édipo – o amor por um dos genitores e um forte senso de rivalidade com o outro. Para Freud, constitui o fenômeno central do período sexual da primeira infância. No caso masculino, o menino, na busca pelo seu amor (a mãe), defronta-se com o seu rival (o pai). Porém, muitas ameaças das quais é vítima na infância se relacionam com a castração (porque urina na cama, porque manipula o órgão sexual na frente dos outros, etc.). Como se sente ameaçado de castração (e seu temor ganha ares de realidade quando vê que na configuração genital das meninas falta o pênis), para se autoconservar (interesse narcísico) tenta incorporar o pai para se tornar um homem, também. Vai da rivalidade à veneração. E a autoridade do pai, ao ser incorporada, leva à internalização do superego. Esse processo ocorreria mais ou menos dos 3 aos 5 anos de idade.

com o líder. Os apetites sexuais inibidos em seu objeto são indiretamente saciados. Com frequência, segundo Adorno e Horkheimer, “adquirem a configuração de um desejo de tornar-se membro de uma multidão”. A massa é composta por muitos identificados entre si e também com um indivíduo superior aos demais. “Massa e líder são indivisíveis”. Uma diferença sensível em relação às reflexões de Le Bon. Para Freud, cada indivíduo pode participar da psique de diferentes massas, “como a de sua raça, de seu status social, de sua comunidade religiosa, de sua cidadania, etc. e, além disso, pode elevar-se a uma certa parcela de autonomia e originalidade”.

A identificação leva à sublimação dos impulsos sexuais, que possibilita, por sua vez, o surgimento do “sentimento social”. Trata-se da transição do egoísmo para o altruísmo. Como resultados, surgem a linguagem e os costumes, possibilitando a criação do espírito. Massa, portanto, tem uma conotação positiva para Freud, a exemplo do que se vê na tradição que vai de Aristóteles a Marx, passando por Maquiavel. Ele reduz as propriedades psicológicas da massa ao indivíduo e à sua relação com a família e defende que os fenômenos da massa são decorrência de processos psíquicos que ocorrem em cada um dos participantes, individualmente. O suposto elemento destruidor da massa só aparece quando há “a suspensão da formação em massa dessa identificação; quando esta termina, os impulsos agressivos voltam a ser liberados”.

Os homens, portanto, não se fazem massa pela quantidade. A massa, para ser considerada como tal, precisa ser um grupo comandado por um líder, que por sua vez alcança tal status porque cada integrante da massa o identifica com a figura paterna (superação do Complexo de Édipo). Simultaneamente, ocorre a identificação desses mesmos integrantes da massa entre si e com os símbolos comuns ao grupo.

Adorno e Horkheimer concordam com uma análise feita por Tchakhotin, que denuncia o fato de que, após serem produzidos pelas massas, os líderes se encarregam de manipulá-las e de abusar delas. Chama esses líderes de “engenheiros da alma”. Entretanto, Adorno e Horkheimer ponderam que analisar a conduta dos líderes apenas com base em seus intuitivos conhecimentos psicológicos e no uso das formidáveis ferramentas de manipulação que o estado moderno proporciona é apenas produzir uma reflexão parcial sobre o assunto. Como não surgem à margem da sociedade – pelo contrário, são constituídos por ela –, os líderes não apenas “predominam contra as massas”, mas recebem a ajuda destas. “O triunfo ou o fracasso do demagogo não depende apenas da técnica de domínio sobre as massas, mas também da possibilidade e capacidade para integrar a massa aos objetivos do mais forte” (ADORNO; HORKHEIMER, 1973, p. 86).

Sendo assim, o domínio de modernos recursos tecnológicos de comunicação de massa – tevê, cinema, rádio, etc. – não garante o domínio da massa. O uso desses meios só produz o resultado esperado porque já existe uma predisposição das pessoas que integram a massa para a

submissão ideológica. Três elementos – predisposição, estímulo e reação – explicam, para Adorno e Horkheimer, o funcionamento da massa e a atuação dos chamados, por Tchakhotin, “engenheiros da alma”. Para evitar o desenrolar desse processo, que só se constitui em decorrência do “aproveitamento racional dos fatores psicológicos irracionais” e cria a falsa sensação de proximidade e união entre os integrantes da massa, ilusão que “pressupõe a atomização, a alienação e a impotência individual”, é preciso que cada indivíduo se esclareça sobre o que o leva a se converter em massa, “para opor uma resistência consciente à propensão para `seguir à deriva´ num comportamento de massa”. Adorno e Horkheimer defendem, por fim, o uso dos modernos conhecimentos sociológicos e psicossociais para a “aquisição dessa consciência”. Eles podem, na visão de ambos, ajudar na superação do discurso ideológico que propugna a inevitabilidade da existência massificada para ajudar o homem na sua libertação.

### **Bibliografia**

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. (1973). *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Edusp/Cultrix, p. 78-92.

CONSOLIM, Marcia Cristina. (2004). *Gustave Le Bon e a reação conservadora às multidões*. Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. Anpuh/SP – Unicamp.

\*\*\*